

A cabocla do norte e o espírita francês: um estudo sobre os videntes de *Esaú e Jacó**

WALDYR IMBROISI

Mestrando do PPG de Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

e-mail: embroyler@gmail.com

Resumo: A obra de Machado de Assis apresenta uma imensa riqueza histórica e literária. O objetivo deste trabalho é analisar a presença da adivinha cabocla no romance *Esaú e Jacó*, em contraponto ao espírita Plácido. Buscar-se-á analisá-los de forma dicotômica, levando em conta questões sociais, culturais, religiosas e de gênero presentes. Buscaremos, ainda, analisá-los na questão da posse e do uso do *phármakon* (DERRIDA, 2005), como detentores de um poder de modificar a ordem natural das coisas. Utilizaremos, para isso, obras de Jacques Derrida (2005), João do Rio (1976), Laura de Melo e Souza (1995) e Marion Aubrée e François Laplantine (2009).

Palavras-chave: adivinha, cabocla, Espiritismo, *Phármakon*, *Esaú e Jacó*.

Abstract: The work of Machado de Assis has an immense wealth of historical and literary value. This paper aims at analyzing the presence of the foreseer 'cabocla' in the novel *Esaú e Jacó*, in contrast to the spiritist Plácido. We'll seek to analyze them in a dichotomous manner, taking into account social, cultural, religious and gender issues. We also intend to analyze the ownership and usage of the *phármakon* (DERRIDA, 2005), which means a power to alter the natural order of things. We rely on works of Jacques Derrida (2005), João do Rio (1976), Laura de Melo e Souza (1995) and Marion Aubrée and François Laplantine (2009).

Keywords: foreseer, cabocla, Spiritism, *Phármakon*, *Esaú e Jacó*.

1. Introdução

Machado de Assis é indiscutivelmente um dos exímios escritores de língua portuguesa. A fortuna crítica a respeito de seus escritos é vastíssima, abordando desde sua produção de contos e crônicas até seus escritos como crítico literário. Tal pujança de escritos a respeito do escritor carioca pode desencorajar novos textos e novas leituras de suas obras literárias; entretanto, há sempre janelas abertas nos grandes textos de nossa literatura, e não houve ainda quem se debruçasse especificamente sobre o caráter dos dois videntes de *Esaú e Jacó* sob uma perspectiva que levasse em conta história e religião. A obra foi publicada em 1904, mas o tempo na narrativa é o século XIX, desde meados da década de 1870 até o momento que é o cerne da obra: a passagem do Império à República no Brasil.

O objetivo deste trabalho é analisar como o escritor Machado de Assis retrata

* Este trabalho insere-se na pesquisa de mestrado "Mulheres que sabem demais: o *phármakon* das feiticeiras brasileiras no entresséculos", levado a cabo por mim e orientado pela professor Silvana Liliana Carrizo, da UFJF.

duas facetas distintas da vida religiosa do Rio de Janeiro dos tempos do século XIX, a saber: a existência de práticas religiosas de adivinhação de origem indígena e africana e a chegada do Espiritismo em solo brasileiro, sendo Bárbara e Plácido, respectivamente, representantes de ambos os papéis. Pretende-se afirmar que Machado estava muito consciente do desenrolar histórico desses fatos, afirmando, de forma sutil, sua opinião a respeito deles. Buscamos ainda cotejar o papel desenvolvido pelo espírita e pela cabocla como polarizações de duas facetas opostas, nas quais se envolvem questões de gênero, cultura popular e aceitabilidade social, e de qual modo os dois personagens desempenham um papel estético na narrativa.

2. A história em Machado

2.1 Império e República: um romance e uma revolução

Já se afirmou mais de uma vez que *Esauí e Jacó* seria uma romance histórico, que teria como objetivo a narração dos eventos que levaram à passagem do Império à República no Brasil do século XIX. De fato, a questão da presença da história em Machado é extremamente pertinente: o retrato crítico feito pelo escritor da sociedade carioca do século XIX, a composição da “cena carioca” e a representação da cidade encorajaram diversos trabalhos, dissertações e teses¹. Pesquisas como a de Sidney Chalhoub, *Machado de Assis historiador*, focam-se em pontos específicos como o retrato da escravidão nos primeiros romances machadianos, e nos dão bom material para refletir sobre sua posição:

Ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX. Essa hipótese vem sendo defendida, a meu ver de forma bastante convincente, por críticos literários como Roberto Schwarcz e John Gledson, e tem se revelado importante para desvendar e potencializar significados nos textos Machadianos (CHALHOUB 2003 *apud* MALDONADO, 2007, p. 6).

De fato, a riqueza de detalhes históricos de Machado de Assis é notável. Em *Esauí e Jacó*, essa pujança vai ainda além. A preocupação do narrador em elencar os sucessos históricos que levaram à proclamação da República pode ser acompanhada por todo o romance: logo no início, narra-se o avanço econômico de Santos graças ao episódio da *febre das ações* carioca (ASSIS, 1978, p. 29); pouco depois do nascimento dos gêmeos, o mesmo personagem aparece pensando na proclamação da *Lei Rio Branco*, ou a Lei do Ventre Livre (idem, p. 41); desde o momento em que a “gente Batista” vem à baila no romance, a referência à polarização entre o Partido Conservador e o Partido Liberal é recorrente (idem, p. 71); as datas importantes na vida dos gêmeos e de Flora são referidas não pelos anos, mas por referências a momentos históricos (vide p. 64, quando os gêmeos referem-se à data em que D. Pedro I deixou o trono, assumido por D. Pedro II, e p. 79, sobre Flora ter aprendido a ler “já no ministério Sinimbu”); o capítulo XXXIV gira em torno da opinião dos gêmeos sobre a abolição da escravatura (idem, p. 88-89); minúcias da política da época são aventadas quando Santos empolga-se em ver no filho um “liberal de 1848” (idem, p. 99) e na retrospectiva histórica que Batista

¹ Cf. Pesquisa feita no banco de teses da CAPES. As análises da representação e do cotidiano cariocas destacam-se no número de trabalhos na área.

faz, ensimesmado (idem, p. 107); o baile da Ilha Fiscal, às vésperas da proclamação da República, é cenário de momentos importantes do desenrolar do livro (idem, pp. 109-113).

Os eventos da proclamação são descritos de forma magistral, contrastando as atitudes do confeitoiro, de Aires e de Santos, e os eventos seguintes – a dissolução do congresso pelo Marechal Deodoro e a passagem do poder ao Marechal Floriano (idem, p. 158), o período de inflações posterior à proclamação (idem, p. 161), a Constituição de 1891 (idem, p. 181), e mesmo pontos como o estado de sítio de três dias proclamado por Floriano Peixoto (idem, p. 216) e as revoltas do Sul e da Esquadra (idem, p. 224) – são referidos cronológica e organizadamente por Machado, de um modo sem paralelo em seus outros romances. Sem dúvida, a preocupação com o pano de fundo histórico merece uma atenção especial na obra em estudo.

Parece, todavia, que narrar apenas os eventos históricos não é o mérito principal de *Esau e Jacó*. A construção da trama, a construção de excertos metatextuais e o conflito instaurado na psicologia dos personagens merecem atenção especial. Os meandros históricos, além disso, vão bem além das referências diretas e explícitas aos eventos da proclamação da República: o retrato da cabocla Bárbara e do médium espírita Plácido desenham um panorama reduzido, porém significativo, da religiosidade carioca da época, o qual analisaremos a seguir.

2.2. Machado, Espiritismo, Sacerdotisas

O ambiente religioso do Rio de Janeiro no entresséculos era de uma riqueza excepcional. Embora o romance de Machado cubra um espaço de tempo que vai de 1870 a 1903 e os eventos que incluem os videntes consultados façam parte do primeiro lustro do desenrolar da história, é de bom alvitre recorrermos ao texto de João do Rio sobre a profusão de crenças do Rio de 1904:

A cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. São swedenborgianos, pagãos literários, fisiólatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do Diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, cismáticos, espíritas, babalaões de Lagos, mulheres que respeitam o oceano [...] (JOÃO DO RIO, 1976, p. 1).

Machado publica o romance *Esau e Jacó* no mesmo ano em que têm início as publicações em jornal, por João do Rio, de seus textos relativos aos diversos cultos presentes na cidade. A leitura da obra completa revela a chegada de diversos grupos religiosos no Brasil em meados das décadas de 1860 e 70, afirmando a pluralidade religiosa já no contexto da narrativa de Machado. O repórter narra a existência de vários feiticeiros, chegando a descrever com detalhes alguns cultos, e de um número surpreendente de sacerdotisas que leem a sorte futura, chegando a especular o número de duzentos “templos de predição” (JOÃO DO RIO, 1976 p. 63)². Sua descrição da profetisa “ceguinha” – “Dizem que os agentes da polícia vão lá para saber o paradeiro dos gatunos e que os gatunos também vão a ver se escapam” (JOÃO DO RIO, 1976, p. 63) – lembra ine-

² Um detalhe digno de nota é que João do Rio faz certa distinção entre as profetisas de caráter africano e indígena e aquelas de caráter europeu, eminentemente cartomantes (p. 63).

vitavelmente nossa cabocla machadiana: “A polícia mesma, quando não acabava de apanhar um criminoso, ia ao Castelo falar à cabocla e descia sabendo” (ASSIS, 1978, p. 39).

A presença de práticas de adivinhação foi relatada desde milênios atrás, e não era coisa nova no Brasil do século XIX. A estigmatização de mulheres que faziam previsões fez parte da criação de um estereótipo de feitiçaria no Brasil colonial: havia desde adivinhações simples, recorrendo unicamente a orações ou à leitura de livros religiosos, até outras que utilizavam variados objetos, como uma peneira (presentes no Brasil e na Europa) ou balaies com tesouras, como na Idade Média (SOUZA, 1995, 158-62). Tais rituais e predições eram realizados por negros, índios e raras vezes por brancos, sendo sua grande maioria composta de mulheres. O sincretismo de práticas distintas foi praticamente inevitável na colônia desde seus primeiros anos, havendo uma sobreposição e um entrecruzamento das tradições africanas, indígenas e europeia (idem, p. 94-5). Algumas regiões do Brasil mantiveram certas práticas religiosas mais ativas com o passar dos anos, de modo que o norte do Brasil preservou certos rituais eminentemente indígenas (idem, p. 269).

Com relação aos cultos africanos, estes estavam presentes no Brasil ao longo de todo o período colonial, mas “já no início do século XVIII esses cultos estavam minimamente organizados em torno de seus sacerdotes” (SILVA, 2005, p. 45). Desde essa época esses cultos misturavam já as práticas de origem europeia às vindas de solo africano (idem, p. 46), de modo que o Brasil teve a composição de um caráter religioso que não podia mais ser considerado indígena, africano ou europeu, mas eminentemente brasileiro e colonial (SOUZA, 1995, p. 166)³.

Machado demonstra uma acuidade muito afiada com relação a esses sucessos. O pai da cabocla revela, de forma indireta, sua origem nortista quando murmura “uma cantiga do sertão do Norte” (ASSIS, 1978, p. 22) e, mais adiante, o narrador refere-se a ela explicitamente como “Pítia do Norte” (idem, p. 231). Tais designações são muito significativas: uma cabocla, filha mestiça de índios e brancos, traz consigo ao Rio um ritual da sua terra natal, onde tais práticas permanecem mais vivas dentre os de crença semelhante. Por conta da mistura de crenças e práticas de diversas origens em solo brasileiro, deve-se considerar que o retrato da cabocla não é o desenho de um culto específico, mas de uma prática mais ou menos desvinculada de sua religião de origem que estava muito presente nas ruas do Rio de Janeiro.

Com relação ao Espiritismo, Machado o conhecia pelo menos desde 1865 (MALDONADO, 2007, p. 35). Lynn Sharp refere-se ao espiritismo e a outras crenças espiritualistas – defendidas por Leroux, Reynauld, Ballanche e outros – como parte de um processo de *reencantamento do mundo*, levado a cabo a partir da primeira metade do século XIX, e que seria uma tentativa romântica de resgatar a espiritualidade sob a égide da razão (SHARP, 2006, p. xvii). O fato é que esse século viu o nascimento de diversas novas seitas religiosas, não apenas relacionadas à existência do espírito, como as nascidas em solo europeu, mas também de caráter messiânico, nascidas principalmente nos Estados Unidos. Boa parte dessas religiões novas encontrou agradável agasalho em solo

³ No período da escravidão, as práticas religiosas dos negros estavam mais restritas a grupos de escravos e ex-escravos. Em um momento posterior ao encontro das mulheres com a cabocla (meados de 1870), mais especificamente, depois da abolição da escravatura, grande contingente de negros ficou à mercê da sorte, sem moradia e sem forma de ganhar a vida. Isso foi um impulso para a espiritualização desse grupo social, bem como para a prática de atividades religiosas remuneradas (SILVA, 2005, p. 50-6).

brasileiro.

O espiritismo, de fato, achou solo fertilíssimo no Brasil. A terra foi revolvida pela chegada de homeopatas e mesmeristas no nosso território, abrindo espaço para a vinda do espiritismo. Desde a década de 1860 que tal doutrina começara a se popularizar na Bahia e no Rio de Janeiro⁴, mas foi em 1873 que o primeiro grupo oficial carioca foi fundado – o “Grupo Confucius” (AUBRÉE & LAPLANTINE, 2009, p. 142). Tal fundação se deu dois anos depois da consulta narrada por Machado de Assis em *Esau e Jacó*, mas não há dúvidas de que a religião já era bem difundida à época: “Em 1865 o espiritismo já era assunto tão conhecido a ponto de ser publicado na imprensa sem maiores explicações acerca da doutrina” (MALDONADO, 2007, p. 13).

O conhecimento que o meio intelectual tinha da existência do espiritismo é indiscutível. Alguns autores de língua portuguesa citam médiuns ou reuniões espíritas em suas obras, desde Lima Barreto (*Triste Fim de Policarpo Quaresma*) a Eça de Queirós (*A Cidade e as Serras*), sendo ainda mais representativo o número de franceses que representam desde reuniões de mesas girantes até manifestações espíritas mais elaboradas (Cf. SCHNEIDER, 2005).

O espiritismo foi, aos poucos, tornando-se uma “religião das classes médias”, distinguindo-se daquilo que João do Rio narra como sendo “baixo espiritismo” (JOÃO DO RIO, 1976, p. 73). Os espíritas dos primeiros tempos esforçaram-se por demonstrar a diferença entre a doutrina espírita, à qual aditavam caráter racional, e as crenças populares, cuja ebulição daria origem ao que veio a ser conhecido como *Umbanda* no Brasil, anos depois (AUBRÉE & LAPLANTINE, 2009, p. 156). Tal tensão que projeta uma dicotomia entre essas duas manifestações religiosas aparece na obra em estudo e será matéria importante para nossa reflexão.

Como bem catalogou e analisou Eliana Maldonado, Machado de Assis fala sobre o espiritismo ao longo de 31 anos em suas crônicas e textos críticos, e sua opinião é, ao longo de todo esse tempo, negativa; se no início ele considerava a nova religião uma tolice, passa a assumir um tom mais contestador e contrário (2007, p. 85). Essa opinião está refletida em *Esau e Jacó*, conforme teremos a oportunidade de analisar nas próximas seções.

3. *David e Sibylla: os encontros, os efeitos, as motivações*

3.1. *A Sibila do norte e a profecia sem volta*

“All hail, Macbeth, that shall be king hereafter!”
Shakespeare, *Macbeth*, I-3

Os encontros entre os genitores da família Santos e os potenciais “preditores” (previsores?) do futuro, as diferenças explicitadas entre eles e o papel estético que têm na narrativa são o foco principal deste trabalho. Em nossa visão, Machado constrói uma representação dicotômica e complementar de ambos os personagens: dicotômica, pois cada um representa instâncias diferentes de gênero, posição social e cultural;

⁴ O primeiro livro espírita surgido no Brasil, composto em língua francesa, foi escrito pelo então diretor do Colégio Francês do Rio Casimir Lieutaud no ano de 1860, sob o título *Les temps sont arrivés* (AUBRÉE & LAPLANTINE, 2009, p. 143).

complementar, pois ambos são consultados enquanto portadores do *phármakon*⁵ da vidência, aquela habilidade sobrenatural que constitui poder de alguns, cuja aplicação pode ser desastrosa ou benéfica.

O primeiro evento do livro é a visita das duas irmãs, Natividade e Perpétua, à cabocla que “reinava” no Morro do Castelo em 1871 (ASSIS, 1978, p. 19). As duas damas deixaram o *coupé* a distância de algumas ruas, a fim de que o cocheiro e o laçai não “desconfiassem da consulta” (Idem, p. 25). A subida é lenta e cansativa para essas duas mulheres desacostumadas a árduos trabalhos: “O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas” (idem, p. 19) – essas mesmas circunstâncias não parecem apresentar problemas à crioula ou ao sargento que comentam a subida das mulheres, já habituados ao esforço (idem, p. 20).

O sentimento que reinava é muito bem descrito pelo narrador: “Tinham fé, mas tinham também vexame da opinião, como um devoto que se benzesse às escondidas” (idem, p. 20). Toda a vergonha possível com relação à opinião alheia é menor que a fascinação do futuro, do desconhecido e do sobrenatural; assim, as mulheres entram na casa da adivinha, sendo recebidas pelo pai dela. A profetisa do norte aparece na sala após algum tempo:

Era uma criatura leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé [...]. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. *Já vai nisso um pouco de sacerdotisa* (ASSIS, 1978, p. 21, grifo nosso).

O narrador continua dizendo que ambas sentiram “tal ou qual fascinação” (idem, p. 21). Nesse estado de espírito, Natividade entrega à mulher as fotos e um pouco dos cabelos de seus filhos gêmeos, ao que ela pôs-se a meditar, sob o gosto de um cigarro. Um tom de tensão perpassa a narrativa. A pergunta feita em seguida pela cabocla Bárbara às duas mulheres é surpreendente: ela pergunta se os meninos não teriam brigado antes de nascer, no ventre de sua mãe. Natividade liga isso diretamente a certas complicações: “não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias...” (idem, p. 22), ao que a cabocla permanece mais algum tempo em silêncio e suspense. Após insistência da mãe, Bárbara diz apenas: “Cousas futuras!” (idem, p. 23). Natividade insiste em saber o resto. Pergunta se são coisas boas ou ruins, pergunta se serão felizes, se serão grandes:

Serão grandes, oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... *Brigaram no ventre da sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras!*” (idem, p. 23, grifos nossos)

⁵ Utilizamos a palavra *phármakon* para designar os poderes possuídos pelas bruxas, feiticeiras, videntes e benzedeiças estudadas ao longo desta pesquisa. O motivo está relacionado à leitura do termo feita por Derrida: a palavra designa ao mesmo tempo o *remédio* e o *veneno* (DERRIDA, 2005, p. 14). Não sendo um poder maléfico por natureza, é, na verdade, o que “faz sair dos rumos e das leis gerais, naturais ou habituais” (2005, p. 14).

Assim se encerra a consulta, considerada tão positiva que a dama deixa cinco vezes o preço normal para Bárbara. Um ponto muito importante que podemos observar é que, no momento da consulta, a cabocla não fala quase nada à mulher sem que ela revele as inquietações que lhe vêm no íntimo; além da questão da briga dentro da barriga, da qual se pode dizer que foi falada de modo espontâneo, todas as outras indicações – a felicidade, as coisas bonitas, a grandeza e a glória – são respostas às perguntas feitas diretamente por Natividade. Pode-se talvez até inferir que essa perdeu algo da previsão completa, por conta de uma fixação à ideia de um futuro grandioso para os filhos: “Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mais nada; bastou saber que as cousas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil réis” (idem, p. 24, grifos nossos).

Há muitos elementos de importância nessa passagem, contada nos dois primeiros capítulos. O primeiro que elencamos é a questão da diferença social entre as mulheres e a condição social esperada daqueles que buscavam tal tipo de “crendice”, condição essa manifesta mesmo pela localização da casa da cabocla e pelas pessoas que circulavam pelo lugar. Essa tendência de a alta sociedade buscar a predição e a intervenção daqueles considerados de crenças “reles” e de baixa condição social é apresentada mesmo pelo repórter João do Rio (1976, p. 81), e por outros romances citados acima. É como se houvesse algo de *exótico*, distinto no buscar dos negros e das caboclas para a resolução dos problemas espirituais.

Os sentimentos de Natividade com relação à profetisa são dignos de nota: enumera-se “fé”, “fascinação” e “temor”; sentimentos esses presentes na sensação do contato com o sagrado⁶. A crença na veracidade da cabocla é total, de modo que, ao deparar-se com um sujeito que maldizia a capacidade da cabocla, Natividade acreditou de imediato se tratar de alguém a quem a cabocla previu, acertadamente, a má sorte (ASSIS, 1978, p. 20).

Interessa-nos muito o fato de que o *phármakon* da cabocla é superestimado pela pia mulher. Consideremos a habilidade que Bárbara supostamente tem de revelar o destino futuro. Mesmo dentro dessa perspectiva, a atuação da profetisa é um tanto obtusa, pois se reduz a elementos genéricos que expõe à medida que Natividade exterioriza suas inquietações. A generalização, a cobrança de um valor específico e mesmo o canto enquanto a previsão é feita lembram a adivinhação narrada por João do Rio entre os feiticeiros negros (JOÃO DO RIO, 1976, p. 6). Entretanto, a impressão que toma conta de Natividade não é a de que o futuro está sendo desvelado, mas sim que está sendo *definido* naquele momento. Pode-se concluir racionalmente que a pessoa que prevê um futuro não tem nada a ver com a realização deste, sendo sua tarefa e capacidade apenas revelá-lo; não é isso que Natividade interpreta de seu contato com a pítia do norte, e por isso o valor dado à cabocla é tão grande: é como se fosse a paga pelo serviço de “encaminhar” seus filhos às cousas futuras.

A motivação da visita à cabocla aparece em um *flashback*; desde sua gravidez, Natividade, tendo ouvido falar muito bem da cabocla, teve o desejo de consultá-la a respeito do sexo da criança que viria a nascer (cap. VII, p. 36). Sendo dissuadida por Santos, a ideia calou-se por um tempo para então retornar depois de nascidos os meninos: as divagações sobre o futuro, as profissões e a grandeza dos dois gêmeos acenderam na alma da mãe o desejo ardente de buscar o que haveriam de ser no futuro. É muito importante perceber que neste momento Natividade já tinha em sua cabeça que os meninos seriam grandes homens:

⁶ Para mais, veja-se Otto Rudolf, *O Sagrado*.

Pedro seria médico, Paulo advogado [...]. Santos falava em fazer um deles banqueiro, ou ambos. Assim passavam horas vadias. Íntimos da casa entravam nos cálculos. Houve quem os fizesse ministros, desembargadores, bispos, cardeais... (idem, p. 38).

Essa certeza íntima se reafirma em “lá dentro de si cobiçava algum brilhante destino aos filhos. Cria deveras, esperava, rezava às noites, pedia ao céu que os fizesse grandes homens” (idem, p. 38). Machado ainda pontua de forma explícita essa inclinação de Natividade, ao dizer das motivações de ir à cabocla: “Para quê? Para confirmá-la na esperança de que seriam grandes homens. *Não lhe passara pela cabeça a predição contrária*” (idem, p. 40, grifos nossos). Ora, daí se depreende sem tergiversações que iam na alma da mãe exatamente a vontade e a expectativa de ter filhos bem sucedidos, o que certamente fez diferença no estado de espírito da mulher diante da profetisa. É possível dizer que a previsão da cabocla foi apenas o confirmar de expectativas que a mãe, acalentando-as há tempos, lançou indiretamente no momento da consulta, exce- tuando a questão da “briga” no ventre.

A lembrança da cabocla, depois do nascimento dos gêmeos, veio da sugestão da ama de Pedro, que afirmara da profetisa: “Parece que era *mandada por Deus*” (p. 38, grifos nossos). Dessa forma, faz-se dentro do espírito de Natividade a ideia da ligação entre a cabocla e suas profecias e a divindade. Natividade encontrou certa dificuldade de convencer o marido, mas “não dormiu aquela noite sem obter do marido que a deixasse ir com a irmã à cabocla” (p. 40). Nesse momento da narrativa, retorna-se do flashback que se estendeu do capítulo IV ao X, encaixando-se aos eventos que analisamos inicialmente.

Ora, se da motivação e dos sentimentos anteriores ao encontro com a cabocla temos tanto com que refletir, mais ainda temos se nos ativermos ao efeito que a previsão causou na alma de Natividade. Já vimos que a reação dela à previsão foi superestimada, no sentido de crê-la como modeladora da realidade, em parte por serem augúrios muito positivos e em parte, acrescentamos agora, por serem a confirmação do que a mãe esperava dos filhos. Entretanto, Natividade toma para si essa chave de leitura da realidade, e ao longo de todo o romance, evoca a lembrança da previsão e a certeza da glória futura.

A mesma fórmula enigmática é dada pela mulher para explicar a Santos a previsão da cabocla: “Cousas futuras” (idem, cap. X, p. 42). Em diversas situações ao longo de sua vida, e mesmo diante das rixas intensas e desgastantes dos dois gêmeos, em vez de uma intervenção mais grave, a mãe consolava-se sob a previsão alvissareira da pítia:

Em verdade, qualquer outra viveria a tremer pela sorte dos filhos, uma vez que houvera a rixa anterior e interior [...]. Mas aqui surgia a ideia da grandeza e da prosperidade – cousas futuras! – e essa esperança era como um lenço que enxugasse os olhos da bela senhora. *As Sibilas não teriam dito só do mal, nem os Profetas, mas ainda do bem, e principalmente dele* (idem, p. 59, grifos nossos).

A forma como Natividade se agarra ao dito por Bárbara – de modo que dá mais atenção e valor ao que foi dito sob suas expectativas do que sobre a suposta briga no ventre – faz com que ela viva uma vida calcada nessa certeza. A influência desse episódio na vida da família não pode ser subestimada, posto que o nome “cabocla” aparece mais de cinquenta vezes ao longo da narrativa, e da fórmula “cousas futuras!” con-

tam-se nove ocorrências, excetuando os títulos de capítulos. Natividade, vítima de sua própria incerteza e insegurança, agarra-se na certeza que vem de fora com toda a fé que tem.

Essa expectativa aparece durante o baile da Ilha Fiscal, quando imagina um dos filhos ministro, e prevê uma festa ainda maior do que aquela, compondo mentalmente a ornamentação e vendo a gente e as danças – cousas futuras! (idem, p. 111); e, já no capítulo CXVIII, ao lembrar-se da visita à cabocla como um todo, imagina os filhos dividindo a presidência da República, e recorda com vivacidade: “Agora mesmo parece que a ouve, mas é ilusão. Quando muito, são as rodas do carro que vão rolando e os cascos dos cavalos que batem: Cousas futuras! Cousas futuras!” (Idem, p. 231).

A entrega total de Natividade à ideia, à sugestão, que ela ouve em todos os lugares – inclusive no bater de cascos no chão – o refrão “cousas futuras!”, mostra-nos como Machado construiu uma personagem frágil e, de certa forma, omissa, que se agarra à previsão satisfatória da cabocla – que lhe elimina grandes preocupações – e não intervém em fatos de importância capital como as brigas dos rebentos. O capítulo XVIII chega a sugerir, de forma sutil, que a forma como a mãe lidava com as discussões – dando aos meninos doces e passeios – foi uma forma de fomentá-las, sob a perspectiva de os meninos ganharem mais doces e atenções. O exame da personalidade dessa personagem mereceria estudo mais detido, para o qual não dispomos do espaço necessário nas reflexões deste trabalho.

O que nos importa ressaltar é que a profecia feita por Bárbara, tomada por Natividade como a confecção da própria realidade, assume, na trama da obra, o papel real de modeladora da realidade. A previsão dela, sendo uma forma de intervir em demandas objetivas, não é nem boa nem ruim em si. Sua força estética reside na permanência da sua palavra ao longo da narrativa, e no tratamento dado a ela pela família Santos – em determinado momento, todos já sabem da profecia, e os jovens Pedro e Paulo esforçam-se por torná-la real em suas investidas políticas. É uma profecia que se autocumpre, nascida da força da previsão de uma cabocla do norte, da fraqueza de espírito de uma mãe da alta sociedade do Rio e de uma brilhante articulação estética de Machado de Assis.

3.2. O médium espírita e a confirmação

*“Do teu jeito de profeta lá da praça Paris
Esse jeito de ser o que você queria ser, mas não é”
Oswaldo Montenegro, Simpatia de Giz*

Em um momento posterior, é Santos, o pai dos gêmeos, que se rende a uma consulta em que o destino de seus filhos poderia ser revelado de forma segura. Não crendo de todo na cabocla do Castelo, e mesmo desconsiderando suas habilidades – ele chega a dizer dessa profetisa que consultá-la seria “imitar as credices da gente reles” (ASSIS, 1978, p. 36) –, decide, assim, fazer uma consulta espírita, posto ser recém- iniciado nessa religião.

O encontro com o médium espírita, Plácido, é bem diverso daquele com a cabocla. Não há nada de pagamento nem de filas; encontra-se, no lugar disso, uma breve alteração, em que Plácido e Santos buscam convencer o conselheiro Aires da veracidade do espiritismo. Logo depois que esse deixa o ambiente, Santos revela o motivo de sua vinda: “Venho consultá-lo, e as suas luzes são as verdadeiras do mundo” (idem, p.

51). A lisonja tem como resposta um sorriso de quem está acostumado aos elogios, uma mania de um sacerdote que “não podia deixar de pagar com essa moeda aos seus discípulos” (idem, p. 51). Um pouco do caráter desse homem se deixa entrever a partir dessa tênue cena: ele não apenas crê na sua capacidade de revelar as luzes da verdade, como lida com isso de forma quase que a condescender com os outros que o procuram.

Plácido ouviu com atenção a narração a respeito da visita à cabocla e da briga de ambos no ventre⁷. Lembrou inicialmente que Pedro e Paulo, nomes dos meninos, foram dois apóstolos que também tiveram divergências entre si e, mesmo sendo o batismo posterior à briga, os nomes poderiam ter sido predestinados anteriormente, já que vieram à cabeça de Perpétua, tia dos gêmeos, enquanto esta rezava o credo. Plácido completa: “Creio que os próprios espíritos de S. Pedro e S. Paulo houvessem escolhido aquela senhora para inspirar os nomes”, ao que Santos, entusiasticamente, completa: “Exato, exato!” (idem, p. 52). Aqui, o narrador demonstra certo misticismo presente na consulta espírita, e um misticismo exageradamente otimista, que liga os filhos de Santos a apóstolos vinculados ao seio da Igreja. Além disso, aparece certa empolgação infantil diante das conexões feitas, de modo que Santos anima-se sobremaneira com a perspectiva de ter o nome de seus filhos inspirado pelos dois santos.

Logo em seguida, as associações gratuitas vinculadas ao ânimo exaltado continuam: ao consultar determinado trecho da Bíblia em que Paulo contende com Pedro, Santos brada estarem no versículo onze, composto dos algarismos iguais – gêmeos – 1 e 1. O médium continua, alimentando a ideia: “E mais: o capítulo é o segundo, isto é, dous, que é o próprio número dos irmãos gêmeos” (idem, p. 52). O gosto com o qual ambos entregam-se à especulação e ao torvelinho de pensamentos é tamanho que se aventa a hipótese de que os meninos seriam os próprios apóstolos encarnados, ao que Plácido contesta:

Mistério engendra mistério. Havia mais de um elo íntimo, substancial, escondido, que ligava tudo. Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram agora águas de mistério que eles agora rasgavam, nadando e bracejando com força [...]. A fé transfigura; Santos tinha o ar quase divino; trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a chama da vida [...]. Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que os espíritos de S. Pedro e S. Paulo tinham chegado à perfeição; não tornariam cá. Não importa; seriam outros, grandes e nobres. Os seus destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, *sem saber o que dizia* (idem, p. 52-3, grifos nossos).

O fluxo de pensamentos e a entrega total de ambos a esses exercícios de raciocínio, que buscava, em última instância, explicar a predição da cabocla, é de um entusiasmo quase infantil, como veremos ao cotejar esse excerto com as lembranças futuras do pai dos grandes homens. A imensa alegria pela qual Santos é tomado, advinda da certeza de que os jovens seriam grandes, é também minimizadora da noção da briga: “A rixa dos meninos, fato raro ou único, era uma distinção divina. Contrariamente à

⁷ É importante constar que, antes de ficar a sós com Plácido, Santos referiu-se à questão da briga no ventre como uma situação hipotética, envolvendo o conselheiro Aires nessa discussão. Daí recordaram Esaú e Jacó, personagens bíblicos que brigaram no seio materno (Gênesis, 27:22-23) e que dão nome ao romance.

esposa, que cuidava somente da grandeza futura dos filhos, Santos pensava no conflito passado” (idem, p. 53). Ora, ele pensa, sim, na questão do conflito, mas não com preocupação ou com a consciência de ter que intervir neste, porém com a empáfia de quem vê nisso um sinal divino da distinção dos seus filhos. Uma vez mais, a consulta é interpretada como algo imensamente positivo.

Ainda se podem encontrar certas semelhanças com a previsão da cabocla. Embora não seja, a rigor, uma previsão o que Plácido faz – é, na verdade, uma discussão sobre os eventos – ambos só dão as respostas e os resultados mediante perguntas feitas pelos consultantes. Ambos são otimistas em suas previsões, e ambos os cônjuges saem satisfeitos. *Teste David cum Sybilla*⁸: tanto esse verso escrito quanto o final da citação que transcrevemos acima – “tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia” – são traços da opinião dos dois espíritas a respeito da superioridade de sua crença com relação à crença na cabocla; a mulher tem sua previsão dada com certa, mas sua prática não tem a acuidade da de Plácido; ao comparar-se com David, ao passo que guarda a designação de Sibila para Bárbara, ele está cavando a mesma diferença havida entre a cultura cristã, da qual ele se julga continuador, e da cultura pagã e embrutecida, em cuja continuidade arrola a cabocla. Aqui se retrata, mais uma vez, o impulso dos espíritas da época de diferenciar suas práticas das crenças “baixas”, conforme descrito pelos estudos de Laplantine e Aubrée (2009), João do Rio (1976) e Silva (2005).

Tornemos, assim como fizemos com relação a Natividade e a Cabocla, ao exame das motivações que levaram Santos à consulta. Além das motivações trazidas à tona pela visita da mulher à cabocla – consistindo no desejo de confirmar ou rechaçar a previsão feita por esta – outro motivo, gerador de grande entusiasmo, se apresenta a Santos: uma enorme curiosidade diante do singular. No capítulo XI – *Um caso único!* – o genitor reflete a respeito da briga dos gêmeos na barriga da mãe. Em vez de preocupar-se com a gravidade, com a significação ou com a consequência do fato, liga-se à característica misteriosa e distintiva do ocorrido: “Era um mistério. Talvez fosse um caso único! A singularidade do caso fê-lo agarrar-se mais à idéia, ou a idéia a ele” (idem, p. 45).

Ora, essa questão do apego a uma distinção já foi referida anteriormente; soma-se a ela a motivação de deslindar os eventos diante da curiosidade sedenta de Santos. A pretensão do espírita em explicar de tudo é, de certa forma, ironizada por Machado ao narrar a tentativa de converter o conselheiro Aires (idem, p. 49), e a bazófia de Plácido e Santos ao se referir à cabocla são evidentes; a respeito de contar ou não a Natividade sobre a consulta espírita, Plácido aconselha que se calem, e que se “deixe às senhoras suas crenças de meninice (idem, p. 53)”. É perceptível, ainda, que anteriormente à consulta de Natividade à cabocla, Santos não havia manifestado grande desejo de efetuar uma visita ao médium espírita, salvo ao comparar Bárbara e Plácido em conversa com sua mulher. Sua vontade de saber o destino dos filhos, assim, não é semelhante à necessidade obsessiva da mulher de ver confirmadas suas pretensões gloriosas para os rebentos, mas é, por outro lado, motivada pelo interesse em deslindar, de forma “científica” e “racional”, a veracidade ou não do singularíssimo caso da contenda na gestação.

Quanto ao efeito que as palavras do espírita têm na vida de Santos, sua força não pode ser comparada à da profecia da cabocla. Inventariando o número de vezes em que as palavras “Plácido”, “espírita” e “espiritismo” aparecem na obra, mal passa-

⁸ A expressão, nome que Machado dá ao capítulo da consulta, significa “Diz David, diz a Sibila”, e está presente em um hino religioso chamado *Dies Irae*.

mos da metade do número de citações de “cabocla” – isso sem contar as ocorrências de “Bárbara”, “profetisa”, “adivinha”, “pítia”, entre outros. Sua previsão mal é referida ao longo da narrativa, e quando o narrador torna a Plácido novamente é com um tom jocoso de quem retoma do olvido algo sem importância. Referindo-se ao amor duplo de Flora: “Talvez aquele velho Plácido, que lá deixamos nas primeiras páginas, chegasse a deslindar estas outras” (idem, p. 174).

Nesse ponto da narrativa, Machado parece fazer menção aos eventos que se desenvolveram no movimento espírita brasileiro. Plácido teria morrido há alguns anos, e teria passado aos seus discípulos os mistérios sobre “a correspondência das letras vogais com os sentidos do homem” (idem, p. 174) – elemento esotérico que Machado liga ao espiritismo mais por deboche do que por qualquer tipo de desconhecimento⁹. Após a morte do sacerdote espírita, o seu grupo teria se dividido:

Já então os adversários de Plácido, — que os tinha na própria seita, — afirmavam haver ele aberrado da doutrina, e, por natural efeito, enlouquecido. Santos nunca se deixou ir com esses divergentes da causa comum, que acabaram formando outra igreja em outro bairro, onde pregavam que a correspondência exata não era entre as vogais e os sentidos, mas entre os sentidos e as vogais. Esta outra fórmula, parecendo mais clara, fez com que muitos discípulos da primeira hora acompanhassem os da última, e proclamem agora, como conclusão final, que o homem é um alfabeto de sensações (idem, p. 174).

Esse irônico excerto nos parece uma menção direta às cisões e dissidências que perturbaram os espíritas, principalmente entre 1876 e 1878. Vários grupos espíritas surgiam, vindos de dissidências de grupos anteriores (AUBRÉE & LAPLANTINE, 2009, p. 144-5). Ora, essa evocação posterior e única da previsão de Plácido é tratada com desdém, de modo que, nesse momento, mesmo “o discípulo Santos cuidava agora de umas liquidações últimas e lucrativas. Não só de fé vive o homem, mas também de pão e seus compostos e similares” (ASSIS, 1978, p. 174). Ao fim, fica a impressão de que o espiritismo é uma tolice infantil, que ocasiona briga entre seus adeptos e que é esquecido facilmente diante das necessidades mais prementes e práticas da vida. A força estética das palavras de Plácido se liga a um entusiasmo momentâneo que morre, ao passo que a previsão da cabocla reverbera em todos os cantos da narrativa.

4. Oposições

Nesta seção final, analisaremos algumas das oposições que aparecem definidas em *Esau em Jacó*, concernentes ao par Bárbara e Plácido. A primeira das oposições que trataremos à tona é a dicotomia entre baixa e alta cultura: já dissemos que os discípulos do espiritismo esforçavam-se por diferenciar as suas práticas daquelas de origem indígena e africana, divisão essa que é categorizada por João do Rio: ele chama a estas últimas de “baixo espiritismo” (JOÃO DO RIO, 1976, p. 78).

Essa dicotomização aparece repetidamente na obra em questão: desde o momento em que Natividade começa a se inquietar sobre o sexo do seu bebê, a cabocla e o

⁹ Sobre o conhecimento que Machado tinha da doutrina espírita, ver Maldonado (2007).

espírita são colocados em polos opostos, de modo que Santos considera que visitar a pítia do norte seria “imitar as crendices da gente reles” (ASSIS, 1978, p. 36). Ao dizer da necessidade de que a polícia interviesse com relação à cabocla, Santos foi admoestado por sua mulher: “Mas você é espírita!” (p. 40), ao que ele respondeu, grave e imediatamente: “Perdão, não confundamos” (p. 40). Essa recusa seca e imediata de vincular o espiritismo às “crendices da gente reles” mostra como o espiritismo estava aproximado, no imaginário da época, a um patamar cultural mais elevado.

Um desdobramento direto disso pode ser feito ao analisarmos a questão da origem das duas crenças: sabemos que ao passo que a nossa sibila é uma herdeira de práticas populares vindas do norte do Brasil, onde as práticas indígenas sobreviveram de forma mais intensa, a crença espírita nasce em solo francês e vem cedo para nossa terra. Conhecemos o amor que Machado tinha pelo Brasil e pela língua portuguesa, e a crítica que este devotava àqueles que preferiam outras línguas em detrimento da nacional¹⁰. Uma mostra do sentimento de Machado nesse sentido aparece no irônico trecho em que Santos decide publicar o discurso de seu filho, imaginando-o em francês: “em francês, pode ser que fique ainda melhor” (idem, p. 98). Ora, em se considerando a origem do espiritismo, bem como o fato de que o primeiro livro espírita publicado no Brasil foi escrito em francês, opõe-se a origem supostamente culta e refinada deste à origem popular das práticas divinatórias da cabocla.

Ainda no seio dessa dicotomia de baixa e alta cultura, é interessante uma análise dos nomes dos personagens. Para Machado, o nome era um elemento de fundamental importância em um personagem, de modo a revelar muito sobre ele. Há, inclusive, certa regularidade no padrão psicológico de diversos personagens em diferentes obras, porém com nomes idênticos (CALDWELL, 2008, p. 55-63). O sentido dos dois nomes é facilmente apreensível: Bárbara remete-se a bárbaro, ou seja, *estrangeiro, não grego, grosseiro, não civilizado, primitivo* (HOUAISS, 2008, p. 401) – ou seja, tudo o que está ligado com o periférico, o marginal e o excluído da cultura das elites. Por outro lado, Plácido significa *em que há sossego, serenidade, que é brando, suave, que tem ou revela paz* (HOUAISS, 2008, p. 2231). Duas formas há de se interpretar esse nome: uma delas é a partir da imagem do espírita e do que ele suscita em quem o vê: “Era um velho de grandes barbas, olho azul e brilhante, enfiado em larga camisola de seda. Põe-lhe uma vara na mão, e fica um mágico” (ASSIS, 1978, p. 45).

A segunda forma, que nos interessa um pouco mais, liga-se ao papel e à força estética que os dois personagens têm na narrativa. Como vimos, a função de Plácido é efêmera na narrativa, de modo que suas palavras valem apenas para efeito de confirmação ao espírito prático e curioso de Santos. A cabocla, ao contrário, tem suas palavras tão intensamente carregadas que assumem o papel de redefinidoras da realidade. Ora, outro sentido do Houaiss define *bárbaro* como *rude, grosseiro*; ao passo que a função do médium espírita não traz grandes modificações para a mente das personagens e tampouco para a narrativa, o que a cabocla traz é rude e, efetivamente, bárbaro, pairando por sobre a obra como um todo.

Ainda relacionada a essa primeira dicotomia, está presente uma diferença social e racial apreciáveis. Se o espiritismo aparece como religião da classe média, a cabocla está vinculada a um grupo social mais baixo. Como demonstramos acima, isso pode ser constatado pela natureza do local onde ela atende aos seus fregueses e pelo público que circula por aquela área, bem como pela vergonha experimentada pelas duas senhoras de posição subindo a ladeira (ASSIS, 1978, p. 19-25). E se o espiritismo é uma

¹⁰ Cf. Veríssimo *apud* Caldwell, 2008, p. 212.

religião francesa, que se espalha entre os homens de hábitos eminentemente europeus, a cabocla é uma mestiça brasileira: a cabocla, filha de branca com índio, é a representação da mestiçagem do sangue e da cultura, e guarda em si a essência indígena cuja cultura está gravada em suas profecias.

A segunda dicotomia, de ordem religiosa, aparece também sendo cavada pelos espíritas – que são os únicos, na narrativa, que se esforçam por diferenciar suas crenças das credências “populares”. Ao referir-se à cabocla de modo condescendente, Plácido coloca-se no lugar de Davi, ao passo que compara a adivinha à Sibila. Como sabemos, Davi é um personagem bíblico de cuja casa descenderia Jesus diretamente: “Genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (*Mateus*, 1:1). A posição assumida pelo homem é, assim, de continuador direto do cristianismo e descendente, também, da mesma tradição de onde provém Davi. Esse procedimento é apontado por Aubrée e Laplantine como “uma vontade férrea de filiação cristã” que era comum também ao mesmerismo e à homeopatia no Brasil. A Sibila, por sua vez, era uma sacerdotisa de Apolo que realizava adivinhações do futuro, sendo uma posição ocupada por mulheres. Uma vez mais, o periférico e baixo – paganismo – está associado à cabocla, e o central e alto – o Cristianismo – é parte da herança que o médium espírita reivindica para si.

A questão levantada acima nos leva à última dicotomia que nos interessa: a questão do gênero. Não há dúvidas de que não é fortuita a construção de Machado no sentido de as mulheres – Natividade e Perpétua – procurarem outra mulher com poderes proféticos, enquanto o prático homem Santos vai atrás de outro homem, “doutor em espiritismo”. Além de avaliarmos a questão mais premente – a de que a mulher se arrola junto às outras facetas periféricas da pobreza, condição social, mestiçagem e paganismo – é também importante lembrarmos o fato de que as mulheres estão diretamente ligadas ao estereótipo de bruxaria, de modo que o homem, mesmo podendo ser um feiticeiro, aparece muito menos vinculado a essa questão.

Como afirma Delumeau, “Da Índia à América, dos poemas homéricos aos severos tratados da Reforma católica reencontra-se esse tema do homem perdido porque se abandonou à mulher” (2009, p. 467). Tanto a mentalidade popular quanto a religião oficial colocavam a mulher no centro dessas práticas de parturiente, vidência e bruxaria: “o predomínio de mulheres nos processos por feitiçaria é a melhor prova da força das tradições populares misóginas. [...] Eva, Dalila e a mulher de Putifar eram protótipos emocionalmente vigorosos da mulher enganadora” (BURKE, 2010, 225-6).

As tradições cristãs consideravam a mulher como perigosa, tendo como base a sua culpa na queda do Paraíso – “Eva foi a primeira e a ‘mãe do pecado’” (DELUMEAU, 2009, p. 482). O próprio antifeminismo, ligado à concepção de que a mulher seria um ser inferior e mesmo a repulsa fisiológica pelo “fluxo menstrual, pelos odores, pelas secreções de sua parceira, pelo líquido amniótico, pelas expulsões do parto” (idem, p. 464) aumentam ainda mais a ideia da propensão das mulheres à feitiçaria. Nascida na Europa, essa concepção aparece também no Brasil, onde se afirmava que “o demônio despejava sua lubricidade sobre as mulheres” (SOUZA, 1995, p. 320).

Por sobre todo esse imaginário, a cabocla, adivinha e feiticeira do norte aparece como uma herdeira brasileira das bruxas. O seu caráter feminino é essencial não só na questão da atração das outras mulheres, mas no sentido de despertar nelas o sentimento de *sagrado*, que não está presente, em absoluto, no encontro de Santos com Plácido. Esse sentimento advém da certeza de que Bárbara possui algo superior aos outros homens e mulheres, uma característica que permita que ela *saiba mais* do que os outros; é nesse *phármakon*, ou seja, nessa habilidade intensa que pode ter efeitos desastrosos ou

benéficos, que reside a força estética da cabocla do Castelo. Plácido, por sua vez, não é dotado desse *phármakon*; não por ser homem, mas porque em sua prática ele faz elucubrações racionais (ou quase) apenas para confirmar a previsão anterior; seu papel é de coadjuvante diante do protagonismo da profetisa e feiticeira.

Diante de tudo isso, cumpre analisar algo curioso: Machado arrola todas as características periféricas em termos sociais, culturais, religiosos e de gênero à cabocla; entretanto, sua posição em termos estéticos dentro da narrativa é absolutamente central. A presença do *phármakon*, que é acima de tudo intensidade, está garantida na personagem mestiça, pobre, excêntrica, perturbadora e feminina. Isso pode ser explicado, em parte, pela própria opinião de Machado pelo espiritismo: no excelente levantamento feito por Maldonado, fica clara a opinião de Machado de que o curandeirismo e a adivinhação são aceitáveis na medida em que são sinceros, ao passo que no espiritismo há charlatanismo raciocinado (2007). Caldwell chega a ressaltar como o cristianismo (Plácido) representa em Machado “sinônimo de ‘repressão’, com todas as implicações possíveis quanto a hipocrisia e calculismo, e o paganismo torna-se sinônimo de ‘naturalidade’, ‘espontaneidade’” (2008, p. 159). Entretanto, parece-nos que essa razão não é completa. A fascinação própria da mulher – que leva Machado a trabalhar muito mais personagens femininos que masculinos – e a fascinação do marginal conferem à cabocla o seu papel. Seguramente, Machado tinha a intuição de que os influxos do periférico trazem novo fôlego à arte; e esse fôlego renovado, vivo, sagrado e intenso fulgura nas palavras que não podemos olvidar: “Cousas futuras!”

Os temas relativos à mulher adivinha e ao espírita na obra *Esaú e Jacó* estão, ainda, longe de ser esgotados. Faz-se necessário, ainda, uma análise mais voltada à questão da presença do sagrado na narrativa, bem como um estudo mais aprofundado da psicologia de alguns personagens. Nossa intenção é percorrer a obra de forma cerada e cuidadosa, de modo a analisar os elementos históricos, culturais, religiosos e estéticos nela presentes, e em momento posterior, realizar uma comparação entre os resultados obtidos e uma análise de outras feiticeiras presentes na literatura nacional do entresséculos.

5. Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Editora Egéria, 1978.

AUBRÉE, M. e LAPLANTINE, F. *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Alagoas: EDUFAL, 2009.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALDWELL, Helen. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GRANDE DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa. 12 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JOÃO DO RIO. *As religiões do Rio*. Versão em pdf. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.

MALDONADO, E. C. *Machado de Assis e o Espiritismo: diálogos machadianos com a doutrina de Allan Kardec*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp (Universidade Estadual Paulista), para a obtenção do título de Mestre em História. Assis, 2007.

MONTEIRO, S. *Deusas e adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*. 3 ed. São Paulo: Musa Editora, 1999.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente Cristão*. Bauru: EDUSC, 2004.

SHARP, Lynn S. *Secular Spirituality: Reincarnation and Spiritism in Nineteenth-Century France*. Plymouth: Lexington Books, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 4 ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHNEIDER, Maria do Carmo Marino. *Inspirações dos imortais: as variadas manifestações da espiritualidade nos escritores franceses do século XIX*. Rio de Janeiro: Edições Léon Denis, 2005.